

RICARDO PEREZ POMBAL



1290001931



FE

TCC/UNICAMP P77m

A MENINA E O GIRASSOL

2005.16903

CAMPINAS, SP

JANEIRO DE 2005

Bibuid 344411

F.E

TCC Unicamp
D. ffm

1931

86/2005

X

28/11/05

29/03/05

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Pombal, Ricardo Perez
Ar540 A menina e o girassol / Ricardo Perez Pombal. -- Campinas, SP: [s.n.],
2004.

Orientador : Carlos Eduardo Albuquerque Miranda.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Sombras e sombreados. 2. Movimento. 3. Significação (Psicologia). I.
Miranda, Carlos Eduardo Albuquerque II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

05-21

Ricardo Perez Pombal

A MENINA E O GIRASSOL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, OLHO – Laboratório de Estudos Audiovisuais, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Miranda

CAMPINAS,SP

JANEIRO de 2005

RESUMO

A proposta do trabalho foi escrever uma história infantil que tivesse como suporte o conceito de movimento dos astros Sol e Terra. A intenção foi construir um texto em que não houvesse erros conceituais e que também incorporasse várias falas e colocações de várias crianças e algumas professoras que atuam no ensino fundamental. Num segundo momento, a busca foi de resignificar a elaboração do texto *A Menina e o Girassol* desvelando motivação que propiciou a sua criação e a estruturação de seus personagens.

A MENINA E O GIRASSOL

A história que eu vou contar é do tempo em que eu ainda era pequeno. Ainda não ia à escola, porém já sabia escrever meu nome e fazer algumas "contas de mais".

Para falar a verdade, nessa época eu copiava letra por letra as palavras que minha mãe escrevia. Achava todas as palavras maravilhosas e tentava fazê-las iguaizinhas em meu caderno. Não ficava muito bom. Mamãe me pedia para ter paciência e continuar praticando.

A história que eu quero contar não é de como aprendi a escrever meu nome, nem de como fui parar na escola! Hoje, quero contar como vi

pela primeira vez um bichinho muito especial. Um inseto redondinho, vermelho: uma joaninha.

A joaninha de que falo estava em um girassol do jardim de Dona Márcia, mãe da Maria Rita, a menina mais bonita da rua.

Você pode estar se perguntando como fui parar no jardim da Dona Márcia e olhar para uma joaninha que só ficava olhando a paisagem...

Bem, como disse, a Maria Rita era a menina mais bonita da rua e toda vez que eu e minha mãe íamos comprar pão, passávamos em frente da casa dela. Por sorte, numa das vezes em que voltávamos, Dona Márcia nos cumprimentou e ofereceu café.

Este foi um dos meus dias mais felizes, pois tudo parecia acontecer como num sonho.

Dona Márcia conversava com minha mãe e Maria Rita mostrava-me o jardim. Havia margaridas, roseiras e vários tipos de lírios. Maria Rita sabia o nome de cada planta e me revelava como uma era diferente das outras.

Enquanto nossas mães conversavam, ela e eu levantávamos as pedras e os pequenos troncos para ver caracóis e tatuzinhos. Nunca tinha visto tanto bicho embaixo de pedra!

Quando pensei que não havia mais nada para ver, Maria Rita me levou até um cantinho escondido do jardim. Lá estava a flor mais bonita de todas: um enorme girassol...

Era cheio de pétalas amarelas e grandes folhas verdes.

Fiquei de boca aberta de tão bonito que era!

Pegamos uma escada para ver de pertinho.

Ainda me lembro daquela flor enorme e do dedinho da Maria Rita apontando para uma coisinha vermelha que estava lá a tomar sol, toda despreocupada da vida: um bichinho de perninhas pretas e antenas pequenas - uma joianinha!

De tanto que olhamos, a joaninha resolveu voar até um galho caído no chão. Pousou exatamente na ponta do galho onde o girassol fazia sombra.

Talvez tenhamos ficado em cima daquela escada só por pouco tempo, mas percebi que a sombra tinha mudado de lugar, pois a joaninha agora estava no sol.

Fiquei tão surpreso ao ver a sombra se mexer que desci da escada e coloquei o galho e a joaninha novamente na sombra do girassol. Depois de algum tempo, lá estava a joaninha e o galho debaixo do sol!

Eu não entendia nada. Ficava imaginando como a sombra podia sair do lugar.

Maria Rita, além de bonita, era muito sabida! Quando percebeu que eu não entendia por que as sombras mudavam de lugar, me disse que o sol se movimentava durante o dia. Que ele nascia num

lugar, andava ao redor da gente, até sumir do outro lado da cidade...

Na verdade, eu não estava entendendo muito daquela história toda, mas Dona Márcia, percebendo a minha dúvida, aproximou-se e começou a me explicar:

"A Terra gira ao redor de si mesma, dia e noite, sem parar. Como estamos na Terra, parece que é o sol que se mexe, mas é a Terra que dá um giro todo dia em torno dela mesma, como um pião...."

Ela mexia com as mãos. Uma ficava parada enquanto a outra dava voltas. Mesmo assim, eu não entendia muito bem...

Imaginei que eu estava solto no espaço:
girando, girando...

Depois, me lembrei de que eu ficava é no
chão, ou melhor, no Planeta Terra!

Dona Márcia continuou falando que a Terra
girava ao redor do Sol, mas esta parte eu não
lembro, pois a Maria Rita pegou em minhas
mãos e começamos a rodar como se fôssemos a
Terra e o Sol. Só paramos quando minha mãe
me chamou para irmos embora.

No outro dia, notei que a sombra da minha
casa, pela manhã, ficava de um lado e, no final
da tarde, mudava de lugar. A sombra da árvore
também.

Tudo era mágico para mim.

Eu me encantava com o que via e com as explicações que ouvia. Percebia que as pessoas não pensavam igual, e que cada uma tinha uma história.

Sei que existem muitos tipos de joaninha. De cores e tamanhos diferentes, com bolinhas ou sem bolinhas.

Também sei que é a Terra que gira em torno dela mesma e que, por causa disto, temos o dia e a noite. E, enquanto vai girando, girando e girando... fazendo dias e noites, o nosso planeta aproveita para rodar em torno do Sol.

Não sei o que me chamou mais a atenção, se foi a Maria Rita, a joaninha ou aquela sombra de girassol que se movia pelo chão. Só sei que me lembro muito bem da menina e do girassol, das cores e dos cheiros daquele jardim.

E foi mais ou menos assim que eu vi pela primeira vez uma joaninha, um girassol e uma sombra que brincava de andar pelo chão.

Se em texto infantil intencionalmente procurasse eliminar as marcas da temporalidade buscando um contexto sem data, neste, procurarei apontar elementos que possam pontuar a trajetória de AMENINA E O GIRASSOL.

Não se trata de reconstruir ou descrever o processo de maneira integral e linear, mas de resignificar a obra. Também não pretendo mostrar a produção do texto como um ímpeto ou algo que pulsa romanticamente dentro de mim com o "destino" de ocupar e modificar o espaço vazio do papel. Para mim, refletir sobre este texto é estabelecer um significado próprio, já que enquanto escrevia não havia ainda um objeto para que, de fato, eu pudesse me relacionar. Tento agora A MENINA E O GIRASSOL um corpo posso interagir, ler,

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

repensar e diante desta relação entre mim e o texto estabelecer significados.

Procurando alguma data ou evento que em minhas lembranças indicasse a motivação inicial de produzir um texto infantil achei muitos elementos e percebi o quanto contar esta trajetória é, em essência, criar um imaginário. É atribuir valores aos fatos. De modo nenhum poderia acreditar que nesta reflexão eu pudesse revelar e descrever com exatidão o processo de construção do texto. É na "exatidão" que inicio propriamente esta narrativa.

Em 1991, quando cursava a graduação de Física, um colega de turma me apresentou o livro *O Guardador de Rebanhos* do Alberto Caeiro. Lembro-me do impacto que a leitura destes poemas me causou. Este heterônimo do Fernando Pessoa tocava minhas inquietações e

produzia uma terrível serenidade e que minhas dúvidas e o próprio questionamento da realidade que me levava a Física simplesmente dissipara diante de seus versos.

Foi impossível passar impunemente por esta leitura. Versos como "*A cor é que tem cor nas asas da borboleta*", "*A borboleta é apenas borboleta*" (do poema XL) destruíram o que eu acreditava ser a busca pela verdade. Às vezes, sentia-me como "*as flores nos canteiros dos jardins regulares*" (poema XXXIII), pobre e regular. Ou ainda, um tolo buscando revelar os segredos de Deus e além de tudo, desobediente (referindo-me ao poema VI). Mas tudo isso era acompanhado de uma serenidade que pousa em versos como

Leve, leve, muito leve,

Um vento muito leve passa,
E vai-se, sempre muito leve.
E eu não sei o que penso
Nem procuro sabê-lo. (poema XIII)

Isto tudo começou porque o Emerson, o colega de faculdade, havia me mostrado o livro do Fernando Pessoa entre a aula de Cálculo e a de Física. Entre os poemas, Emerson pediu para que eu lesse com bastante atenção o poema VIII que termina com estes versos

Esta é a história do meu Menino Jesus.
Por que razão que se perceba
Não há de ser ela mais verdadeira
Que tudo quanto os filósofos pensam
E tudo quanto as religiões ensinam?

Não consegui tirar os olhos do livro e minha ingenuidade de acreditar na possibilidade de elaborar uma única verdade frente aos fenômenos nunca mais foi a mesma.

Porém, o que mais chamou minha atenção foi "*O meu olhar é nítido como um girassol*" (poema II) e é aí que a história da MENINA E O GIRASSOL começa.

Lendo este poema sentia-me como um garoto que via a cada momento aquilo que nunca tinha visto antes e que, de certa maneira, despiame dos pensamentos para ter somente sentidos. Sentia a inocência de não pensar e deste modo sentia-me acolhido e descobrindo o mundo.

Sendo assim, um dos olhares que tenho sobre A MENINA E O GIRASSOL é que esta história tem uma textura de releitura, ou uma apropriação dos poemas do Alberto Caetano. É uma

forma de contar as minhas descobertas e as minhas sensações de um "meio-dia" repleto de sons, cores e cheiros acompanhados de muita limonada da cantina do Instituto de Física da UNICAMP.

Outra imagem bastante forte é a de um girassol que nasceu no quintal de minha casa quando eu tinha sete anos. Nunca tinha visto uma planta crescer tão rapidamente. Lembro-me que suas folhas chegaram a altura do muro, porém o mais surpreendente foi a sua flor gigantesca. Não sei como aquela semente de girassol foi parar e germinar no jardim de minha casa, todavia, a planta era tão grande que era possível perceber nitidamente a evolução e as etapas de germinação, crescimento das folhas e a florada. Tudo isto em um curto intervalo de tempo. Foi encantador.

Meu irmão mais velho me explicava de tempos em tempos o que era cada coisa nova que surgia no girassol e este tom de descoberta é marcante nas imagens da minha infância.

Em 1992 comecei a lecionar numa escola pública e foi nesta época, junto com o trabalho pedagógico, que surgiu também a vontade de escrever livros para os pequenos, ou para os grandes que mantenham a alma de quando foram pequenos, ou seja, para pessoas que não perderam a dimensão lúdica. Já possuía o título: *O MENINO E O GIRASSOL*. Eu possuía o título, mas não o tema e foi somente nas aulas de matemática da Anna Regina Lanner, durante o curso de pedagogia em 2003, que as coisas foram tomando forma. Ela relatou em uma conversa informal como explicara a questão do vetor que varre uma determinada área para sua filha mais

nova. Utilizando-se de uma haste e sua respectiva sombra, explicou o significado de vetor em física. E foi mais ou menos assim que entre uma conversa e outra o menino do girassol foi tomando forma feminina e o tema tomando contornos de movimento dos astros...

Depois de muitas aulas, muitas leituras e a compreensão de que a matemática é uma linguagem percebi que o ensino dos "números" pode se caracterizar como um grande convite para as crianças. O conhecimento científico pode ser uma possibilidade de construir-se como humano. Com certeza não é a única, mas, sem dúvida, é uma maneira de reconstruir e resignificar a natureza.

Deste modo, ensinar é dar sentido aos signos já existentes. É se utilizar de conceitos para "otimizar" os objetos e entender a forma

como a maneira que as coisas se mostram ao meu olhar. Nesta visão, a forma individualiza o objeto.

Esta abordagem torna a matemática mais subjetiva, pois, sendo linguagem, só existe enquanto houver interlocutores explorando e redesenhando seus conceitos de alguma maneira.

Mas, se a ciência moderna demarcou limites entre a objetividade e a subjetividade, ou seja, demarcou limites entre o real e o imaginário podemos também pensar que cada um de nós retira do real o seu próprio universo.

A narração traduz um universo de desejos do autor e contar a "memória" é conjugar o esquecimento e a recordação. A contextualização destas imagens cria a partir da subjetividade uma realidade fantástica e é nesta relação entre real e imaginário que o fantástico

se estabelece como algo que é criado pelo espírito, como aquilo que é somente imaginável.

A MENINA E O GIRASSOL não busca romper o imaginário da criança, mas apresentar novos (velhos) temas. A construção do enredo se deu a partir do movimento dos astros. A movimentação relativa entre Terra e Sol proporciona sombras e luz. Esta descoberta que propicia toda a trajetória do garoto que se vê transbordando de alegria em observar as cores, cheiros e formas das coisas. É a própria descoberta da sensibilidade. A busca da verdade. Não a verdade proposta por Platão, mas o conhecimento adquirido da observação direta da natureza. Da intensificação dos sentidos.

Romper a idéia de que o real reprime o imaginário fez com que eu brincasse com minhas crenças e representações da infância e da

realidade. O prazer de inventar trouxe a perspectiva de olhar para os contos de fadas e castelos encantados como algo real. Não um real palpável e sim um real imaginado. Príncipes e princesas me ajudam a compartilhar e entender meu mundo. Dar sentido a estas imagens é optar pela singeleza das coisas. É olhar para os livros não como representações do real. É escolher a fábula como possibilidade.

Onde vai dar tudo isto?

Bem, talvez no DRAGÃO DE
HELOÍSA...

O Dragão de Heloísa

Hoje meu avô veio almoçar em casa e me contou uma história muito estranha. Disse que eu já estava bem crescidinha e que deveria conhecer um grande segredo da família.

Todos estavam sentados à mesa comendo a macarronada que minha mãe fez. A comida estava deliciosa. Mamãe sempre faz um molho de tomates maravilhoso. Adoro quando tem macarronada em casa.

Entre uma garfada e outra, vovô me perguntou se eu sabia o segredo da receita do famoso molho de tomates da minha mãe.

Meu pai sorriu.

Mamãe disse que não podia falar nada.

O meu irmão simplesmente se calou e vovô continuou:

— O segredo está no tomate! Sua mãe usa tomates especiais que só existem em nosso sítio.

Eu achei aquela conversa muito esquisita. O que poderia ter de tão especial nos tomates do sítio se lá nem tomateiro tem? Não há nenhum pé de tomate plantado naquela terra! E meu avô prosseguiu:

— Sua mãe só usa tomates frescos colhidos na hora e sabe da onde eles vêm?

Todos permaneceram calados. Só se ouvia o barulho dos talheres e dos copos que batiam na mesa...

— Sua mãe colhe os tomates de dentro da boca de um dragão. Um dragão que mora lá no sítio. É verde, tem duas asas e uma barriga enorme, mas é mansinho e fica a manhã inteira de boca aberta tomando sol.

— Mas, vô, como que um dragão grande e gordo foi parar lá no sítio?

— Fui eu que o levei para viver lá quando eu ainda era criança.

— Mas... Como o senhor encontrou um dragão de verdade?

— Bem, eu o encontrei num lugar muito longe daqui. Como falei, eu era pequeno e estava visitando meus tios que moravam na cidade de Briosco, na Itália. Eles viviam numa região muito afastada, onde quase ninguém ia. Quando passeava pelo pomar, escutei um barulho diferente. Parecia o choro de um menino, porém muito mais agudo. Foi quando conheci Ambrósio, o dragão de que estou falando. Ele estava escondido, triste e sozinho, atrás de uma figueira, chorava porque seus amigos dragões não

queriam mais brincar com ele. Tinham vergonha de um dragão que não soltava fogo pelo nariz.

Ambrósio, ao invés de lançar fogo, cuspia tomates e, por isso, nenhum dragão queria ser seu amigo. Ele contou toda sua história para mim. Contou como aprendera a voar, a soltar pipa e até como fazia para brincar de esconde-esconde sem nenhuma pessoa o descobrir. O problema é que agora todos seus amigos já soltavam fogo pelo nariz e ele só conseguia espirrar sementes de tomate e, de tão triste que estava, resolveu ficar escondido atrás daquela figueira.

Escutando sua história fiquei tão comovido que resolvi convidá-lo para morar aqui no Brasil.

— Mas, vô, como você trouxe um dragão tão grande para o sítio?

— Nós viemos voando pelo Oceano Atlântico. Antes atravessamos o Mar Mediterrâneo e

demos uma paradinha em Portugal. Ambrósio tem asas fortes e gosta de voar longas distâncias...

Vô, e como nasce tomate na boca deste dragão?

Como nasce eu não sei, mas é por causa dos tomates que ele fica a manhã inteira de boca aberta tomando sol.

Neste momento, vovô sorriu e todos caíram na gargalhada.

Se a história do meu avô é verdadeira eu não sei, mas ele prometeu que irá me mostrar o dragão Ambrósio da próxima vez que eu for ao sítio. E foi assim que me contaram a história do dragão que, ao invés de fogo, soltava molho de tomate pelo nariz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLAN, NICHOLAS. Adeus, passarinho. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. No céu. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ALVES, RUBEM. A história dos três porquinhos recontada por Rubem Alves. São Paulo: Paulus, 1999.

_____. A libélula e a tartaruga. São Paulo: Paulus, 1999.

_____. A operação de Lili. São Paulo: Paulus, 1999.

_____. A volta do pássaro encantado. São Paulo: Paulus, 1999.

_____. O gambá que não sabia sorrir. São Paulo: Loyola, 1987.

COLE, BABETTE. Príncipe Cinderelo. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DANSA, LECTICIA. A fábula da convivência. São Paulo: FTD, 2002.

FURNARI, EVA. A bruxinha atrapalhada. - 24ª ed. - São Paulo: Global, 2003.

HELD, JACQUELINE. O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica. São Paulo: Summus, 1980.

CENTRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO

IVO, LÊDO. O rato da sacristia. São Paulo: Global, 2000.

LARSON, GARY. Tem um cabelo na minha terra! : uma história de minhoca. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

MACHADO, ANA MARIA. O menino que virou escritor. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

MELLO, ROGER. A flor do lado de lá. - 5ª ed. - São Paulo: Global, 2002.

NEGRO, MAURÍCIO. Zum Zum Zum. São Paulo: Global, 2004.

ORTHOF, SYLVIA. Fada Fofa em Paris. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

PESSOA, FERNANDO. O guardador de rebanhos. 1ª edição. São Paulo: Princípio, 1997.

PROTETI, JOÃO. Para se ter uma floresta. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

ROCHA, RUTH. O coelhinho que não era de Páscoa. - 8ª ed. - São Paulo: Ática, 1994.

TEIXEIRA, MATHEUS. A ilha dos dragões. São Paulo: Global, 2003.

THEBAS, CLÁUDIO. O menino que chovia. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

TREZZA, ROGÉRIO S. A galinha xadrez. São Paulo: Brinque-Book, 1996.

_____. O homem do saco. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

